

Patrimônio, memória e território:

festa de santo, identidade de negros

Bernadete Castro

Como citar: CASTRO, B. Patrimônio, memória e território: festa de santo, identidade de negros. *In:* HOFBAUER, A. (org.) **Desafios da prática antropológica:** relatos, pesquisas e reflexões contemporâneas. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011. p. 59-74. DOI: <https://doi.org/10.36311/2011.978-85-7983-142-3.p59-74>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

**PATRIMÔNIO, MEMÓRIA E TERRITÓRIO:
FESTA DE SANTO, IDENTIDADE DE NEGROS**

Bernadete Castro

O processo civilizatório brasileiro contou com uma especificidade que, ao invés de anular o índio, o negro, permitiu o surgimento de novas relações sociais baseadas nos laços de dependência pessoal entre esses últimos e os detentores da terra e do poder. Provocou um hibridismo nas instituições e nas ordens; nos sistemas de crenças e nas hierarquias sociais.

A mestiçagem teve um papel importante na formação de uma população que se tornou excluída dos direitos civis, pois a ela não ficou resguardada a possibilidade de descendência (nome de família) ou herança na estrutura social brasileira, principalmente no que se refere à terra e aos direitos civis.

A religiosidade que permeia as relações entre as famílias do Carmo em São Roque-SP, exercida pelas práticas femininas em sua quase totalidade, demonstra elementos que contam a história desse grupo, sempre relacionada a um evento festivo, a um mutirão de trabalho, a encontros nesse ou naquele bairro. É como se elas narrassem suas histórias de vida entremeadas com caminhos, capelas e famílias que mantêm uma convivência ao longo do tempo.

A expansão urbana na porção oeste do município de São Paulo, atingindo São Roque e Ibiúna, trouxe a valorização dos terrenos e sítios nessas localidades, abrindo o mercado de terras à especulação imobiliária. As antigas áreas de roça e morada dessas famílias descendentes de escravos da fazenda do Carmo foram tomadas por fazendas de gado, sendo mais tarde alvo de empreendimentos imobiliários, haras e chácaras.

A comunidade começou a se defrontar com diversas formas de apropriação dos espaços rurais nessa região, perdendo suas terras para novos proprietários. A concepção de posse, de terra no comum, terra da santa, tendo como essência dessas formas a terra de trabalho, se tornou o contraponto da terra mercadoria apropriada privadamente. As terras do povo do Carmo, como são chamados, foram sendo cercadas a partir dos anos 40, e essas famílias expropriadas, vendendo suas terras ou sendo forçados a deixar suas moradas; grande parte das famílias deixaram seus lotes para trabalhar nas cidades vizinhas ou em outros sítios.

Maria Isaura Pereira de Queiroz ao estudar a dinâmica social dos bairros rurais já havia apontado para as formas de coesão interna que o sistema de crenças cria entre os indivíduos dessa comunidade:

A realização das festas, das rezas, das novenas independe de uma direção eclesiástica, pois são organizadas pelos “rezadores” ou “capelães” leigos locais; a educação religiosa é ministrada pela família ou pela professora primária; a intervenção efetiva do vigário se reduz às festas do padroeiro e a determinadas ocasiões marcantes da vida individual (batizados, casamentos, mortes). (QUEIROZ, 1973, p. 29).

Carlos Rodrigues Brandão em seu livro *Memória do Sagrado*, ao analisar o município de Itapira/SP, se refere à comunidade de um bairro rural:

A verdade é que até hoje os pequenos centros de concentração camponesa — os bairros rurais, os distritos de Itapira — e de outros homens livres não-dominantes, são espaços de resistência à cidade e à ordem dos grandes proprietários. Os estudos de comunidade costumam deixar de lado o exame desta qualidade essencial: a de uma resistência política restrita, mas relativamente eficaz, ao domínio completo de uma classe sobre a outra. O aparente isolamento das sociedades camponesas em áreas de refúgio e sob códigos de trocas originais, foi sempre uma estratégia de reconstrução e garantia de um mundo subjugado, mas parcialmente vivido e representado como próprio e autônomo. (BRANDÃO, 1985a, p. 25).

Torna-se necessária portanto, uma concepção dinâmica das sociedades, quaisquer que sejam elas, tendo em vista que as transformações surgidas pelo desenvolvimento histórico põem em movimento tanto seus aspectos formais quanto seu conteúdo, que muitas vezes, não guardam entre si uma relação de correspondência direta. É necessário interpretá-los.

No caso da comunidade do Carmo, as relações estabelecidas pelas festas de santo, novenas e visitação entre parentes e antigos vizinhos, permitem a permanência de laços de sociabilidade que extrapolam os limites do bairro, ampliando o domínio sobre territórios de pertencimento grupal.

Nessa comunidade, as festas de santo, principalmente a de Nossa Senhora do Carmo, chamaram a atenção por demonstrarem uma vasta rede de amizade, parentesco e trocas – inclusive matrimoniais. Os espaços das festas são espaços de produção e reprodução social do bairro.

As festas são momentos de encontro, confraternização e atualização das experiências cotidianas de cada participante – é um ritual de normatização também. Os códigos referentes ao modo de vida dos que celebram a festa são partilhados, demonstrados e, como ritos, são também reforçados. A parentela e vizinhança das famílias do bairro do Carmo se reencontram e se apresentam aos de fora como “gente do Carmo”.



Foto 1 – Gente do Carmo - Festa de N. S. do Carmo, 2004.
Fonte: Arquivo pessoal do autor; 2004

Maria Isaura Pereira de Queiroz complementa também que:

A religião amplia um tanto a visão dos habitantes dos bairros porque, arrancando-os às vezes de seu isolamento local, levam-nos a percorrer uma região muito mais vasta para concorrer a festas e para realizar peregrinações. Mas esta noção de região é ainda moldada em termos tradicionais; o morador dos bairros conhece que pertence à região em que o Santuário da Aparecida desempenha o papel de capital religiosa, e tal conhecimento já tiveram antes dele seu avô e seu bisavô; em geral, quando concorre às festas e peregrinações, raramente entra em contacto com gente que não seja gente de sítio também. (QUEIROZ, 1973, p. 29).

Em seu trabalho sobre a Festa do Divino em Mogi das Cruzes/SP, Neusa Mariano (2007) aponta para as temporalidades diversas que envolvem a festa “num mesmo tempo e espaço social” cruzando simultaneamente elementos de tempos pretéritos e atuais, permitindo ressignificação de seus conteúdos. Essas apropriações atualizam convivências e fazem aproximações.

Os moradores do bairro afirmaram em vários depoimentos que as festas tinham maior duração nos tempos passados; que tinham mais alimentos e prendas. Isso demonstra que a abundância era maior para essas famílias que podiam não só desfrutar de maior tempo livre para dedicarem-se às festas, mas também doar mais dos seus bens para os momentos coletivos.

Ao analisar os depoimentos e documentos relativos ao Bairro do Carmo torna-se evidente a diminuição das áreas de roças, a perda da morada na terra e, conseqüentemente o acréscimo do tempo de trabalho assalariado fora do bairro.

A RELIGIOSIDADE COMO NARRATIVA: PARENTESCO, SOCIABILIDADE E RESISTÊNCIA

A interpretação sobre as sociedades e as culturas não deve ser feita apenas a partir das determinações gerais impostas pelo processo histórico no sentido de formas sucessórias, tomando como base os elementos determinantes de uma forma mais elaborada que se coloca como grau mais elevado desse desenvolvimento. Mas, considerar as discontinuidades desse processo, que se contrapõem à linearidade e homogeneidade do desenvolvimento. Os grupos sociais, as práticas, e o próprio conhecimento aparecem como elementos dinâmicos e complexos a fim de exprimir o caráter contraditório e heterogêneo do movimento da história.

O mundo pode ser lido como um texto, uma imensa e babélica narrativa. Já não se sabe mais onde começa nem onde termina, e muito menos por que lugares caminha. Compreende épocas e situações, indivíduos e coletividades, culturas e civilizações. Está atravessada por rupturas e reorientações, progressos e retrocessos, realidades e ilusões. Mas sempre parece buscar algum norte, encontrar alguma direção, mobilizar idéias, sonhar utopias ou nostalgias. Essa é uma narrativa que não termina, sempre lida e relida ao longo da narração. (IANNI, 2000, p. 115).

São objetos e pessoas que estão relacionadas a um sistema de comunicação que integra os indivíduos – os velhos e os mais jovens - através de certas práticas religiosas. Numa afirmação de Huff Junior (2008), ao analisar o campo religioso brasileiro, esse caráter pedagógico da religiosidade aparece como forma de pensamento sobre o presente:

O campo religioso é, nesse sentido, aquele em que os bens religiosos estão em jogo, havendo nele lutas pelas maneiras de desempenhar os papéis determinados no próprio jogo. Nele se manipulam visões de mundo na elaboração de estruturas de percepção do mundo, palavras, princípios de construção da realidade. A religião tem, nessa perspectiva, um caráter de linguagem. É um sistema simbólico de comunicação e de pensamento. (HUFF JUNIOR, 2008, p. 52).

Os moradores do bairro do Carmo, no cotidiano da produção, são capazes de criar espaços sociais que enunciam tempos diferenciados das relações sociais, muitas vezes inscrevendo suas práticas dentro de lógicas diversas daquelas previstas pela sociedade em geral. A linguagem religiosa, ritos e festas, muitas vezes aparecem recobrando o amplo universo das relações sociais, desenhando espaços de resistência e preservação de conteúdos da cultura do grupo.

Como proposição metodológica parece interessante adotar a indicação de Geertz (1978) quando fala da perspectiva religiosa como modo de compreensão e entendimento do mundo. Para o autor é importante inicialmente, o que se considera como perspectiva religiosa em relação a outras perspectivas; depois, porque ela foi adotada pelo grupo.

Delimitando dessa maneira, a religiosidade presente nas falas e nas práticas da “gente do Carmo” recobre a história do grupo, traduzindo para a esfera do simbólico aquilo que é interdito na reconstituição de seu passado – o passado escravo - inscrito numa esfera de opressão e exploração. O “estereótipo” do negro construído pela sociedade local como inferior e perigoso, muitas vezes como um não-cidadão, sempre causou afastamento na identificação das famílias do Carmo como descendentes de escravos.

A reconstituição de uma identidade de negros à luz de uma padroeira branca permitiu que eles se projetassem na estrutura social como *berdeiros da Santa, descendentes do Carmo*. Talvez seja um forte exemplo de uma “tradição inventada” na acepção de Hobsbawn e Ranger (1984) – como “processo de formalização e ritualização” referindo-se ao passado.

No depoimento de uma das representantes da comunidade do Carmo, a adoção de Nossa Senhora do Carmo como padroeira e “ascendente” do grupo, se construiu a partir de seu achado pelos primeiros ocupantes daquelas terras da Ordem Carmelita Fluminense:

A Santa foi achada pelos escravos, os primeiros que vieram fugidos de Santos e trabalhavam aqui. Foi encontrada encima de uma pedra; estava dentro de um baú. A primeira zeladora da Santa foi dona Alzira do Carmo. Ela é muito pesada; não sei que material ela é feita; não é de barro; não é de madeira. Pode ver que o corpo é diferente da face; o rosto é branco e o corpo é negro. O pessoal de São Roque dizia que a Santa branca não podia ficar no meio dos negros. Vieram buscar e levaram. A Santa voltou sozinha da primeira vez. Tornaram a vir buscar porque pensaram que o pessoal daqui tinha roubado; levaram; Ela tornou a voltar sozinha; daí ficou na comunidade. Essa imagem que está na igreja é Nossa Senhora do Carmo antes do parto; ela não tem o menino nos braços. Ela é carmelitana. (E.C. - moradora do bairro, 2004).

A imagem da Santa guarda uma grande diferença em relação às demais imagens de Nossa Senhora do Carmo: ela possui o escapulário sob o manto; não tem o menino nos braços e o formato do manto se assemelha ao de Nossa Senhora Aparecida.



Foto 2- Nossa Senhora do Carmo – Padroeira do Bairro do Carmo.

Fonte: Arquivo pessoal do autor; 2004.

A história da Santa funda a história do grupo. O momento da festa é aquele onde a missa, a procissão, a coroa de rei e rainha, a banda de música, se mostraram como elementos constitutivos daquela realidade. É a afirmação do pertencimento grupal mostrado dentro e fora do grupo.

No trabalho de Brandão (1985b) intitulado *A festa do Santo de Preto*, o autor atribui à Congada um papel de coesão e significação para os seus adeptos.

O que possivelmente dá à Congada uma posição especial é o fato de que, dentro dela e na Festa de Nossa Senhora do Rosário, os negros da Irmandade produziram um sistema que incorpora e torna indissociáveis: a) um mito de origem e significação do ritual; b) um ritual de atualização e pessoalização do mito — ele o reproduz simbolicamente a cada ano e ele viabiliza a possibilidade de cada “brincador” participar pessoalmente de um contrato de trocas festivas e sagradas com Nossa Senhora do Rosário. (BRANDÃO, 1985b, p. 90).

O dia de Nossa Senhora do Carmo é 16 de Julho; a festa é realizada no primeiro domingo após essa data. No dia 16 de Julho, a homenagem à Santa começa com a alvorada, às 06:00h da manhã com a queima de fogos.

DESAFIOS DA PRÁTICA ANTROPOLÓGICA

No bairro do Carmo, a festa da Santa parece também cumprir um “mito de origem” do grupo, mesclando devoções e práticas que se expressam no rito da festa. É importante notar que a estrutura da festa da Santa obedece uma ordem muito semelhante à *congada*, pois há o *capitão do mastro* e o *alferes da bandeira*. O mastro é levantado no pátio da capela.



Foto 3 – Mastros no pátio da capela – Festa de N.S. do Carmo, 2008.
Fonte: Arquivo pessoal do autor; 2008.



Foto 4 – As bandeiras abrindo o cortejo – Festa de N.S. do Carmo, 2008.
Fonte: Arquivo pessoal do autor; 2008.

Há também a *entrega da Coroa* que simboliza o *rei ou reinado* - nas congadas o “rei é o sujeito das homenagens rituais” como descreve Brandão (1985b). No caso do Carmo é Nossa Senhora do Carmo que recebe a coroa.



Foto 5 – Entrega da coroa pelo casal de festeiros – Festa de N. S. Do Carmo, 2004
Fonte: Arquivo pessoal do autor; 2004.

No caso da festa da santa no bairro do Carmo, não há mais a pessoa do rei como figurante; são duas coroas – do rei e da rainha - que são levadas pelo casal de festeiros. As coroas são levadas à frente de Nossa Senhora do Carmo no percurso da procissão– a santa é a Rainha.



Foto 7 – Entrega da coroa por casais de festeiros da comunidade (à direita); representante político local (à esquerda) – Festa de N.S. do Carmo, 2008.
Fonte: Arquivo pessoal do autor; 2008.

DESAFIOS DA PRÁTICA ANTROPOLÓGICA

A festa aparece também como espaço das trocas privilegiadas internas ao grupo e, desse para fora. A integração com a esfera política local surge como auto-referência – através do rito da festa marcam no espaço da comunidade as relações com os “de fora”.

A organização da esfera sagrada é também preparada pelas mulheres, que distribuem a tarefa de enfeitar os andores – cada santo recebe uma vestimenta para o cortejo feita pela mulher responsável – sagrado e profano se misturam representando em cada santo e seu andor os laços de sociabilidade entre as mulheres responsáveis pela procissão.



Fotos 8 e 9 - São Sebastião e Divino Espírito Santo –Festa de N.S. do Carmo, 2008.
Fonte: Arquivo pessoal do autor; 2008.



Fotos 10 e 11 – Santa Terezinha e Nossa Senhora Conceição- Festa de N. S. do Camo, 2007.
Fonte: Arquivo pessoal do autor; 2007..

É uma festa da parentela, vizinhos e convidados. As barracas, os alimentos e o bingo são organizados de modo a arrecadar fundos para a santa e outros trabalhos para a comunidade.

Outro ponto de destaque é a importância dos santos segundo a posição que ocupam nos espaços da festa. São Benedito aparece como anfitrião ao receber as imagens que chegam à festa, vindas de outras localidades, como também está sempre à frente do altar e da procissão.

São Benedito também está sempre presente nas capelas e igrejas dos arredores do bairro do Carmo.



Foto 12– Bandeira de São Benedito na celebração da missa-Festa de N.S. do Carmo, 2004.
Fonte: Arquivo pessoal do autor; 2004.

A comunidade possui a Corporação Musical Santa Terezinha, composta pelos homens do grupo, os quais se apresentam na festa. Antigamente, segundo os relatos coletados, a banda também se apresentava em outras festas fora da comunidade. Esse tipo de corporação musical têm antigas tradições ligadas às corporações de ofício e também às irmandades de homens negros.

Segundo depoimentos dos mais velhos da comunidade havia a Irmandade das mulheres – Sagrado Coração de Jesus (cor vermelha); a dos homens – Irmandade Jesus Maria José (cor azul).



Foto 13 – Banda de Santa Terezinha na procissão da Santa –Festa de N. S. do Carmo, 2007.
Fonte: Arquivo pessoal do autor; 2007.

A procissão aparece como momento de um espetáculo: os andores saem como alegorias desfilando pelo bairro sob a apreciação de todos. São cores, detalhes e formas que valorizam a responsável pelo santo e seu andor. Também demarcam um espaço sagrado que representa o espaço do grupo. O cruzeiro aparece como marcador territorial do espaço da comunidade; foi construído para sacralizar o território que foi profanado pela empresa imobiliária que alguns anos cercou as terras do entorno do bairro.

O caráter simbólico da procissão nos remete ao que DaMatta (1997) caracteriza como ordenamento e demarcação espacial das desigualdades e enfrentamentos através de ritos igualitários.

Reforçando a unidade grupal diluída pela perda da terra coletiva, reafirmando no plano do sagrado os limites do antigo território ocupado pelos seus ascendentes, essa população ritualiza através das procissões e da localização das capelas, as áreas das antigas posses. Recuperam pela ritualização na demarcação dos espaços da festa o seu patrimônio cultural.

Essas famílias se mantiveram unidas como herdeiras do Carmo, cujos laços com a Santa se mantêm na atualidade, na festa que se realiza todo ano unindo as várias famílias dos antigos descendentes do Carmo. Cada grupo de parentes de uma localidade “tutela” um santo e, através dele, mantém vínculo com a comunidade original; o santo enfeitado pelas mulheres é preparado para a festa; alguns são trazidos para o encontro com a padroeira pela romaria como Nossa Senhora das Graças, de Vargem Grande

Paulista em todo aniversário de Nossa Senhora do Carmo (16 de julho). Convívio e sociabilidade, parentela e devoções refundam a antiga comunidade no espaço da festa.

Dentre as devoções e tradições rurais da comunidade do Carmo pode se destacar a dança de São Gonçalo, realizada nas casas daqueles que cumprem promessas. Como assinala Neusa Mariano em seu texto sobre festa rural:

Neste sentido, a dança de São Gonçalo, com conteúdo religioso cristão, constitui-se no catira (dança indígena). Ela deixa de ser sagrada se não estiver atrelada à música (caipira) que conta a vida do Beato, e ainda, se não estiver acontecendo em frente ao altar com a sua imagem.

Salientamos que a festa de São Gonçalo não é apenas a dança, a música caipira, o altar... é também o alimento e a comunhão... (MARIANO, 2006, p. 171).



Foto 14 – Dança de São Gonçalo – Bairro do Carmo, 2009.

Fonte: Arquivo pessoal do autor; 2009.

Vale ressaltar também a importância dada aos ritos agrários, ainda presentes na memória e nas práticas dos integrantes da comunidade. Nossa Senhora das Brotas, que tem sua capela na região do Aguassai, é trazida em setembro para a capela de Nossa Senhora do Carmo, onde permanece até fevereiro. Depois é levada novamente para sua capela – onde permanece de março a agosto.

Segundo o depoimento de uma das antigas moradoras do bairro (2009)- “Nossa Senhora das Brotas vem para trazer as águas; precisa chover para ter roça – então ela vem para o Carmo nessa data; depois volta para sua capela”. Nossa Senhora das

Brotas é protetora dos campos e animais; uma devoção camponesa e dos tropeiros de áreas rurais de São Paulo. A devoção a essa santa entre as famílias tradicionais do Carmo indica o passado ligado à vida rural de trabalho na terra, mesmo que na atualidade tenham perdido a condição camponesa.

Outro aspecto importante nas devoções relacionadas à comunidade do Carmo é a representação de sua identidade nos santos e objetos de culto. Na capela de Santo Antônio, no Aguassai, o menino trazido nos braços pelo Santo não é o mesmo das imagens tradicionais européias, mas apresenta traços mestiços. Esse aspecto denota bem a representação do sagrado pela cultura camponesa – de camponeses negros – com pés e mãos de trabalhadores (aumentados em relação ao corpo). O sincretismo da cultura dessa população é representado nas imagens do sagrado construídas por eles.



Foto 16 – Santo Antonio pintado na área social da capela do Aguassai – 2009.
Fonte: Arquivo pessoal do autor; 2009.

As abordagens sobre a tradição, territorialidade e patrimônio cultural receberam enorme carga de reflexões advindas das várias áreas do conhecimento, contribuindo para ampliar os horizontes da investigação. No exercício da antropologia, a produção de conhecimento sobre a realidade social e cultural se estende também a uma esfera de significações e sentidos, mais propriamente à esfera não material de produção da cultura. A etnografia tem oferecido uma gama variada de estudos que nos permitem ampliar a interpretação.

Ao tratar da identidade e cultura na pós-modernidade, Stuart Hall também chama atenção para o fato de que as identidades são construídas de modo ambíguo entre passado e futuro:

O discurso da cultura nacional não é, assim, tão moderno como aparenta ser. Ele constrói identidades que são colocadas, de modo ambíguo, entre o passado e o futuro. Ele se equilibra entre a tentação de retornar a glórias passadas e o impulso de avançar ainda mais em direção à modernidade. As culturas nacionais são tentadas, algumas vezes, a se voltar para o passado, a recuar defensivamente para aquele “tempo perdido”, quando a nação era grande; são tentadas a restaurar as identidades passadas. Ele constitui o elemento regressivo, anacrônico, da estória da cultura nacional. Mas frequentemente esse mesmo retorno ao passado oculta uma luta para mobilizar as “pessoas” para que purifiquem suas fileiras, para que expulsem os “outros” que ameaçam sua identidade e para que se preparem para uma nova marcha para a frente. (HALL, 2005, p. 56).

As práticas do campesinato tem reinscrito no contexto histórico atual, formas e conteúdos contraditórios à lógica dominante do sistema social mais amplo; expressando antagonismos, valores e concepções sobre o tempo, a natureza e a vida de modo geral, enunciando perspectivas novas.

O patrimônio cultural constituído no Brasil pela cultura negra, afro-descendente, demonstra hoje em todo território nacional, o vigor e a diversidade de valores que marcaram profundamente nosso cenário artístico-material e simbólico; nossas relações cotidianas; corporificando traços e gestos que compõe uma estética feminina e masculina.

Assim, grupos locais baseados no parentesco ou outras formas de sociabilidade que permitem mapear a rede de afinidades por um vasto território, cujas territorialidades se expressam como “espaços estratégicos”. Espaços que se produzem e reproduzem num contexto material e simbólico da historicidade do grupo, preservando uma identidade coletiva, reforçada pelo exercício de práticas e representações grupais.

O exemplo tomado aqui se refere a um bairro de famílias negras descendentes de escravos – o Bairro do Carmo. Situado em município próximo à região metropolitana de São Paulo, o bairro se insere num contexto de relações inter-étnicas pautadas por grande assimetria econômica e cultural, mas que se apresenta sob o contorno de uma forte etnicidade. Valendo da afirmação de Roberto Cardoso de Oliveira:

O problema, portanto, é a forma como se manifesta a presença da etnicidade na própria conformação da antropologia. Seria uma espécie de reinvenção da disciplina em espaços marcados por antagonismos étnicos, quando deles sequer a disciplina consegue ficar incólume? A esse cenário é que se aplica o termo etnicidade, a ser tomado aqui como tendo por referente um espaço social, interno a um determinado país, onde as etnias existentes mantêm relações assimétricas; sendo, nesse sentido,

“essencialmente uma forma de interação entre grupos culturais operando dentro de contextos sociais comuns. (OLIVEIRA, 2000, p. 136).

Há uma identidade grupal inscrita nas devoções que permeiam a vida dessa população negra, que se manifesta nas festas e na memória dos mais velhos, oferecendo um substrato étnico que passa para o discurso dos mais jovens sob a forma de diversas representações diante de novos enfrentamentos.

REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, C. R. *Memória do Sagrado: estudos de religião e ritual*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1985a.
- _____. *A festa do Santo de Preto*. Rio de Janeiro: FUNARTE/Goiânia: Instituto Nacional do Folclore, 1985b.
- DaMATTA, R.A. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. São Paulo: Rocco, 1997.
- GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1978.
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guaciara Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- HOBBSBAWN, E.; RANGER, T. *A invenção das tradições*. Tradução Celina C. Cavalcanti. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- HUFF JUNIOR, A. E. Campo religioso brasileiro e história do tempo presente. *Cadernos CERU - Centro de Estudos Rurais e Urbanos*, São Paulo, v. 19, n. 2, dez. 2008, p.52.
- IANNI, O. *Enigmas da modernidade-mundo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- MARIANO, Neusa F. A festa sagrada: São Gonçalo do Amarante em Sabaúna (SP). In: *Simpósio Internacional sobre Religiões, Religiosidades e Cultura*, 2006, Dourados. Programa e Resumos do II Simpósio Internacional sobre Religiões, Religiosidades e Cultura. Dourados: Univ. Federal Grande Dourados, 2006. v. 1. p. 170-171.
- OLIVEIRA, R. C. *O trabalho do antropólogo*. 2. ed. Brasília, DF: Paralelo 15; São Paulo: Ed. UNESP, 2000.
- QUEIROZ, M. I. P. *Bairros rurais paulistas: dinâmicas das relações bairro rural-cidade*. São Paulo: Duas Cidades, 1973.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

GUSMÃO, N. M. M. *Terra de pretos; terra de mulheres: terra, mulher e raça num bairro rural negro*. Brasília, DF: MINC/FC Palmares, 1995.

O IMPARCIAL. *A escravidão em São Roque*. Edição Especial do III Centenário de São Roque. Itapevi, SP, 8 out. 1957.

MOLINA, S. R. *Des(obediência), barganha e confronto: a luta da Província Carmelita Fluminense pela sobrevivência (1780-1836)*. 1998. Dissertação (Mestrado)—Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, Campinas, 1998.

MUNANGA, K. *Redescutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

QUEIRÓS, S. R. R. de. *Escravidão negra em São Paulo: um estudo das tensões provocadas pela escravidão no século XIX*. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília, DF: INL, 1977.

SANTOS, B. de S. *Para um novo senso comum: a ciência, o direito e a política na transição paradigmática*. v. 1: A Crítica da Razão Indolente: contra o desperdício da experiência. São Paulo: Cortez, 2005.